

# RESENHA

**ERIC A. HAVELOCK**

*La Musa impara a scrivere. Riflessioni Sull'oralità e l'alfabetismo dall'antichità al giorno d'oggi.* Trad. Mario Carpitella. (1ª ed. it. 1987); Bari: Laterza, 1995, 177pp.

O que vemos reunido nesta obra de E. Havelock, pode-se bem dizer, é o resultado de intensas pesquisas que o autor realizou por mais de três décadas, dos anos 50 até 1986, ano da primeira edição de *The Muse Learns to Write*. Lançado primeiramente nos Estados Unidos e Inglaterra, é um texto de referência no que diz respeito aos problemas da linguagem, desde a antiga Grécia até nossos dias.

Seu principal objetivo foi “apresentar um quadro unitário da crise que se verificou na história da comunicação dos homens, quando na Grécia a civilização oral se transformou em civilização da cultura escrita” (p.03). Na essência, o livro se destaca por seu sentido revisionista e sobretudo crítico, partindo da análise de algumas obras anteriores, do próprio Havelock e de outros autores, que trataram, de algum modo, do tema das linguagens escrita e falada em sua relação com o mundo humano.

Entre 1962 e 1963, em três diferentes países: França, Inglaterra e E.U.A., seriam publicadas cinco obras cujo tema central versava – mesmo que indiretamente – sobre a relação oralidade e cultura escrita na história da civilização humana (*O pensamento selvagem*, de Lévi-Strauss; *As conseqüências do alfabetismo*, de Jack Goody e

Ian Watt; *A galáxia Gutemberg*, de M. MacLuhan; *Espécies animais e evolução*, de Ernest Mayr e *Prefácio a Platão*, do próprio Havelock). Tal interesse simultâneo podia ser explicado, diz Havelock, pois se tratava de um fenômeno de nosso tempo, por si só peculiar, que respondia a “alguma profunda experiência contemporânea de meio de controle do público que hoje atormenta as esperanças de qualquer oratória do passado” (p.40).

Mesmo sendo a Musa a “protagonista” em questão, a maior parte da obra se ocupa do contexto moderno da oralidade e da cultura escrita (caps. III a VIII). O autor tem consciência de que seu tema constitui preocupação de outras disciplinas modernas, como a literatura comparada e a antropologia cultural. A oralidade, por exemplo, ainda busca respostas para muitas questões: qual seria a relação entre língua falada e língua escrita? O que significou para as sociedades antigas o emprego de sistemas de alfabeto? (pp.31-32). O ponto crucial, na reflexão de Havelock, está no “renascimento da oralidade” com os avanços eletrônicos contemporâneos. Em especial, o rádio teve um lugar importante como fenômeno sócio-político em nosso século, pois fez nascer a “consciência das tensões criadas entre língua falada e língua escrita e de uma possível origem histórica do fenômeno na experiência dos gregos”, coloca o autor (pp.40-42) e completa: “o nosso exame da gradual descoberta da oralidade da Idade Moderna a partir do séc. XVIII nos reconduz aos gregos” (p.78). Após J-J. Rousseau, que não conseguiu identificar a “questão oral”, a palavra escrita ganhará cada vez mais espaço na cultura européia, chegando ao limite de que quem não soubesse ler e escrever era, do ponto de vista cultural, “uma não-pessoa” (p.49).

O que se nota quando a alfabetização é introduzida em grupos que só conheciam a oralidade, como as tribos ameríndias, polinésias e africanas, é que a oralidade que sobra no meio social deixa de ser “funcional”, perde muitas responsabilidades que antes mantinha; inclina-se, então, para o aspecto estético e do divertimento. Esse fenômeno fez surgir o conceito de “literatura oral” (pp.59-60).

Para saber como um discurso textual pode ou não ser conservado no tempo, Havelock passa em revista alguns livros bíblicos; porém, é nos mais antigos poetas gregos, Homero e Hesíodo, e depois na obra de Platão, que ele vai centrar sua investigação. Na poesia, a responsabilidade da composição poética está a cargo da Musa. O poeta existe, mas apenas como função de executor e não de autor. Isso cabia àquele ser divino capaz de tornar a linguagem poética impessoal (pp.72-73), pois se manifestava inspirando o poeta. Sobre a poesia homérica, Havelock concluiu que ela possuía duas finalidades urgentes: a) entretenimento (como produto de uma arte); b) ser uma poesia funcional, para conservar uma *enciclopédia* (p.73).

Mas qual o impacto causado quando a Musa aprendeu a escrever, ou seja, quando os gregos de cultura oral descobriram as vantagens do alfabeto? Entre Homero e Platão, a passagem do oral para o textual pareceu deixar a oralidade “obsoleta” (p.78). As evidências, no entanto, não sinalizam para uma tal situação. Havelock defende que houve um longo período de resistência ao uso do alfabeto depois de sua invenção (p.114-117). Ele não nega que, no geral, as transformações vividas pelos gregos não tenham deixado de ser uma verdadeira “revolução”, não como

substituição brusca de condições, mas pela amplitude e qualidade das mudanças. “A Musa não se transformou nunca na amante rejeitada dos gregos (...) ela aprendeu a ler e escrever mesmo continuando a cantar” (p.29). No capítulo VIII, o autor busca saber como uma sociedade iletrada procede para fixar informações. A resposta está na linguagem tradicional, na palavra que se ritualiza, isto é, que necessita ser aprendida mnemonicamente. O ritmo acústico e musical exerce grande papel no processo oral, inclusive podendo explicar o surgimento da poesia (pp.90-92), mas uma poesia diferente, em sua finalidade e meios, daquela produzida por uma cultura totalmente alfabetizada. Enquanto hoje a poesia é lida silenciosamente, visando uma reflexão individual, na Grécia ela precisava de um auditório, de música e canto; acontecia em momentos festivos, solenes, onde eram feitas recitações épicas acompanhadas de cantos e danças.

Nos três últimos capítulos do livro, Havelock direciona sua análise para questões específicas dos gregos. O autor defende que deva haver uma teoria específica para o estudo da oralidade na Grécia, através da comparação com outros exemplos históricos, diante do contato oralidade/escrita (p.110) assim, “não devemos nos surpreender se somos levados a considerar com olhos novos aquilo que pode ser o papel da oralidade na Grécia” (p.148). Embora a oralidade grega tenha perdurado por séculos após a invenção do alfabeto, uma consequência do uso da escrita é bem evidente: a criação da prosa como meio de expressão literária. A prosa é capaz de possibilitar ao leitor a reflexão dos enunciados escritos, coisa que as condições acústicas nas apresentações poéticas não permitia. Por fim, ele coloca

Platão “escrevendo no momento crucial de transição entre a oralidade e o alfabetismo, entre o ouvido e o olho” (pp.139-145). Com Platão a musa aprende a escrever, “e escreve em prosa, de fato, prosa filosófica” (p.145).

A idéia de oralidade está atualmente condicionada pelo contexto alfabetizado (p.156); entretanto, não podemos confundir analfabetismo, nos moldes modernos, com uma situação cultural de não-alfabetismo, como se os “analfabetos” estivessem *fora* do campo da cultura reconhecida (p.150). O principal mérito deste livro não está tanto no trabalho de revisão crítica realizado pelo autor, mas sim na clareza e atualidade com que ele aborda os problemas da linguagem na Grécia, em um diálogo fértil e interessante com o mundo de hoje.

*Katsuzo Koike*